



O QUE MEUS OLHOS VÊEM PELO CAMINHO?

Marcelly Gonçalves

Cinthia Magda Fernandes Ariosi

FCT/UNESP/Presidente Prudente

Resumo: Desenvolver o olhar infantil para o espaço é fundamental, além de ser um interesse das crianças. Por isso, este trabalho tem como objetivo relatar um pouco das ações do projeto intitulado “O que meus olhos veem pelo caminho”, desenvolvido pelas residentes do Programa de Residência Pedagógica (PRP), em uma escola municipal da cidade de Presidente Prudente, no segundo semestre de 2023, e possuindo como embasamento teórico principal o autor Fernando Hernandez (1998). Por meio da construção coletiva entre residentes, preceptora, professora orientadora e crianças, essas ações foram planejadas, desenvolvidas e avaliadas, em uma turma de Pré II (cinco anos), tendo como enfoque dois campos de interesses apresentados pela turma de crianças, os quais foram: espaço geográfico e construção com brinquedos de montar. Essa oportunidade enriqueceu a formação das futuras professoras e as práticas pedagógicas da escola, pois por meio dela, as graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia puderam notar a importância da observação e da escuta ativa na Educação Infantil para a identificação de possíveis temas de interesse nas crianças, as quais esboçam suas vontades e desejos cotidianamente, estando aos cuidados do docente saber aproveitar a oportunidade e oferecer experiências significativas de aprendizado para as mesmas. Pois é a partir de um ensino significativo, que considera o contexto em que a criança está inserida e suas necessidades, que ela pode se tornar protagonista de seu processo educativo. O que é de grande importância, afinal quem – se não a criança – irá receber novos conhecimentos de mundo? Logo, é ela a principal responsável por aquilo que deseja desvendar no meio que a cerca. Sendo de responsabilidade do professor a busca pelas formas mais significativas de oferecer essa experiência de mundo.

Palavras-chave: Educação Infantil; Projeto de Trabalho; O ato de ver/olhar.

Introdução

O ato de ver não é natural. Precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. O zen-budismo concorda, e toda a sua espiritualidade é uma busca da experiência chamada *satori*, a abertura do ‘terceiro olho’. Não sei se Cummings se inspirava no Zen-budismo, mas o fato é que escreveu: ‘Agora os ouvidos acordaram e agora os olhos dos meus olhos se abriram’. (Alves, 2018, p. 27).



Educar o olhar e a sensibilidade é um imperativo dos dias atuais para a prática pedagógica, em especial, na educação infantil. Um olhar que valorize as vivências e saberes infantis e que as coloque no centro do processo educativo é fundamental, como indica as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs),

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (Brasil, 2010, p. 12)

Considerando a concepção de currículo acima, as crianças são estimuladas a “Olhar, escolher, contemplar: as crianças são estimuladas a dedicar um tempo para observar”. (Buitoni, 2006, p. 155). Assim, para essa prática desenvolvida no Programa de Residência Pedagógica o foco foi educar o olhar das crianças para o caminho que percorrem todos os dias da casa para escola e vice-versa.

Tudo começou com a observação das residentes, que identificaram que as crianças tinham interesse e comentavam com frequência sobre o percurso de suas casas até a escola, a distância e as coisas que encontravam no caminho. Então, uma vez identificado esse interesse, elas decidiram elaborar um projeto no qual as crianças seriam convidadas a olhar com mais atenção para esse caminho e compartilhar com seus colegas, com as residentes e professora esses achados. Assim, teve início uma aventura do saber, considerando que

Estamos falando sobre uma abordagem baseada em ouvir ao invés de falar, em que a dúvida e a fascinação são fatores bem-vindos, juntamente com a investigação científica e o método dedutivo do detetive. É uma abordagem na qual a importância do inesperado e do possível é reconhecida. (Rinaldi, 1999, p. 114)

Assim, neste trabalho o planejamento é entendido “[...] no sentido da preparação e organização do espaço, dos materiais, dos pensamentos, das situações e das ocasiões para aprendizagem” (Rinaldi, 1999, p. 115), numa perspectiva do currículo que emerge das relações cotidianas no interior da escola de educação infantil. Desta forma, nasceu essa proposta no grupo do Programa de Residência Pedagogia (PRP) do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. O objetivo deste trabalho é relatar um pouco das ações do projeto intitulado “O que meus olhos veem pelo caminho”,



desenvolvido pelas residentes em uma escola municipal da cidade, no segundo semestre de 2023.

Para tanto, o texto será organizado em três partes. A primeira contextualizando o PRP no contexto da formação de professores e o projeto em questão. A segunda parte abordará o projeto construído pelo grupo (residentes, preceptora, professora orientadora e crianças). E finalmente, uma conclusão acerca dos resultados obtidos.

Programa de Residência Pedagógica

O Programa de Residência Pedagógica, foi instituído pela Portaria nº 38, de 28 de fevereiro de 2018, da Coordenadoria de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES), com os seguintes objetivos:

- I. Aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e que conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e aquelas que receberão os egressos das licenciaturas, além de estimular o protagonismo das redes de ensino na formação de professores; e
- IV. Promover a adequação dos currículos e das propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (Capes, 2018).

A ideia de imersão no campo futuro de trabalho está relacionada a algumas experiências, entre elas: o projeto experimental do Colégio Pedro II, uma desenvolvida pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e outra, desenvolvida pelo Centro Pedagógico (CP) da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG: o Projeto Imersão Docente (PID) e o Programa Residência Educacional da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, todas com enfoque na ideia de imersão, segundo Faria e Pereira (2020). Além disso, os autores apontam que essa proposta também está vinculada a Residência realizada pelos jovens médicos.



O PRP guarda proximidades e distanciamentos em relação à Residência da área da Medicina. A diferença central ou o ponto de distanciamento encontra-se na finalidade: o PRP é parte da formação inicial dos estudantes (em nível de graduação), é essencialmente aprendizagem situada que acompanha a graduação. Nesse sentido, distancia-se da Residência Médica, que ocorre após a graduação e tem um sentido de especialização profissional. A proximidade está na imersão do estudante, no processo de contato sistemático e temporário com as práticas de um professor (formador) que atua no contexto de uma escola pública. Nesse caso, o PRP permite uma aproximação ao exercício profissional pleno. A mediação de um preceptor da universidade que atua ao mesmo tempo na formação teórica do Residente e na supervisão das atividades na escola-campo dá qualidade a essa experiência, [...]. (Faria; Pereira, 2020, p. 340-341)

Com todas as críticas que o programa recebe por parte de muitos pesquisadores, ele se constitui como uma oportunidade interessante de formação, como apontam Freitas e Almeida (2020, p. 7)

A possibilidade de ter contato com a prática a partir de um programa voltado para a formação inicial, favorece a construção de bases teóricas que fortaleça uma ação futura. De modo que o presente é uma espécie de bússola que orienta, e propicia o embasamento teórico e prático, para desempenhar papéis distintos dentro do campo educacional. A conexão entre os saberes aprendidos no processo formativo torna cada vez mais eficiente esta dimensão, do saber fazer.

Por meio do PRP, as residentes e os residentes podem exercitar a conexão entre os conhecimentos produzidos na universidade e as práticas cotidianas da escola, com o apoio do preceptor e do professor orientador da Instituição de Ensino Superior (IES).

Para garantir essa relação de troca entre escola e IES, há quinzenalmente uma reunião com todos os envolvidos (residentes, preceptora e professora orientadora) e quinzenalmente entre preceptora e residentes. Ademais, semestralmente as experiências vivenciadas no PRP são compartilhadas com os demais alunos do curso de Pedagogia por ocasião do Seminário de Estágio. Assim, acontece o intercâmbio entre os estagiários do estágio obrigatório e os residentes do curso. Desta forma, o PRP contribui para o desenvolvimento do estágio obrigatório no curso, questionando e contribuindo com reflexões.

Embasamento teórico



A opção de embasamento teórico do Projeto de Trabalho desenvolvido, foi pautado na proposta de Hernandez (1998, p. 61), que conceitua e aborda o Projeto de trabalho como “[...] uma forma de organizar a atividade de ensino e aprendizagem, que implica considerar que tais conhecimentos não se ordenam para sua compreensão de uma forma rígida [...]”, criando dessa maneira estratégias de organização dos conhecimentos, com organização de oportunidade de aprendizagens orientadas pelos seguintes aspectos: significatividade do que se ensina; consciência por parte do aluno sobre o seu processo de aprendizagem; temáticas pautadas — principalmente — a partir de experiências vividas pelas crianças; e relevância do assunto e dos objetivos que se pretende alcançar. Logo, é de suma importância a compreensão de que o Projeto de Trabalho é flexível, passível de transformações, acréscimos e adaptações, além de se tratar de uma construção coletiva (docente e turma), com participação ativa dos alunos durante o processo.

As alunas participantes do Programa de Residência Pedagógica foram motivadas a compreender teoricamente a proposta de Hernandez (1998) e propor um trabalho nesta perspectiva em uma turma de pré II de uma escola municipal da cidade. Dessa forma, a partir da orientação da professora orientadora e da preceptora, as residentes passaram a observar as crianças presentes na turma, buscando identificar as temáticas de maior interesse das mesmas.

Então, após cerca de três semanas de observação, as residentes notaram a predominância de dois campos de interesse na turma, sendo eles: questões geográficas, como: onde os colegas de turma moram? Como chegar à casa dos coleguinhas? O que existe ao redor da escola? Quais os caminhos percorridos pelas crianças? Outro ponto de interesse das crianças da turma foram as brincadeiras que envolvem blocos de montar/construir, pois a turma demonstrou muito envolvimento e criatividade montando coisas, formas e cenários.

Diante disso, o grupo de residentes chegou à conclusão de que seria proveitoso a realização de um Projeto de Trabalho que englobasse os aspectos geográficos trazidos pela vivência das crianças na cidade e o grande apreço por atividades de criatividade e construção. Foi que assim, surgiu o projeto “O que meus olhos veem pelo caminho?”. Que buscou por meio de oportunidades significativas para a turma, relacionar os campos de interesse, os quais foram: espaço geográfico e construções. Com a intenção de fazer com que as crianças



olhassem e investigassem os percursos que cada um realizava diariamente para chegar à escola e voltar para casa. E como proposta de produção final, a construção coletiva de uma maquete pelas crianças, com o auxílio das residentes e da preceptora.

Tal temática se fez relevante, pois “[...] as crianças transformam os espaços urbanos em lugares, isto é, em contextos de interação revestidos de sentido e de emoções.” (Christensen; O’Brien apud Sarmiento, 2018, p. 233), ou seja, as crianças possuem um olhar próprio sobre os espaços que frequentam (inclusive sobre os espaços escolares), e constituem a partir de suas vivências significados para esses espaços.

É de suma importância que as mesmas tenham a oportunidade de expressar suas perspectivas sobre os espaços disponíveis na cidade, principalmente no que tange os ambientes ao redor da escola, que geralmente são os mais frequentados pelas crianças. Dessa forma, possibilitando aos adultos a compreensão dos espaços de acordo com o olhar sensível dos infantes, e oportunizando diferentes experiências para as crianças, de maneira que possam “[...] se relacionar com o real, aprendendo-o e expondo-o por meio da linguagem e, nesse ato, incorporando o conhecimento historicamente sedimentado com a assimilação do novo.” (Sarmiento, 2018, p. 237), entendendo assim, a importância dos espaços, as vivências possíveis, a relevância do que se tem ao redor da escola, os aspectos culturais da vizinhança, como os espaços disponíveis ao redor da escola são utilizados? Entre outros conhecimentos que foram construídos ao decorrer do projeto.

O Projeto “O que meus olhos veem pelo caminho”

Uma característica essencial do PRP é que os residentes vivenciem o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação das ações que serão empreendidas na escola. Assim, definiram como objetivo geral de aprendizagem: desenvolver a noção espacial na criança sobre a escola, seu entorno e sobre o caminho para casa. E como objetivos específicos: explorar os espaços disponíveis ao redor da escola; estabelecer relações com os espaços da escola e do seu entorno; compreender o espaço geográfico em que vive; trabalhar coletivamente para a construção de uma maquete; dialogar sobre o bairro em que vive e seus aspectos físicos, culturais e sociais; aprimorar a habilidade de observação; aprimorar a coordenação motora.



A organização do trabalho escolar por projetos de trabalho sugere o reconhecimento da flexibilização organizativa, não mais linear e por disciplinas, mas em espiral, pela possibilidade de promover as inter-relações entre as diferentes fontes e os desafios impostos pelo cotidiano, ou seja, articular os pontos de vista disjuntos do saber, aprendendo a utilizar fontes de informação contrapostas ou complementares, e sabendo que ... "todo ponto de chegada constitui em si um novo ponto de partida" (Hernández, 1998, p.48).

Hernández (1998), chama de Projeto de trabalho, o enfoque integrador da construção de conhecimento que transgride o formato da educação tradicional de transmissão de saberes compartimentados e selecionados pelo/a professor/a, e reforça que o projeto não é uma metodologia, mas uma forma de refletir sobre a escola e sua função.

Segundo Barbosa e Horn (2008), as etapas para desenvolvimento de um projeto na educação infantil são: definição do problema; mapeamento do percurso formativo; coleta de informações; sistematização e reflexão sobre as informações coletadas e, por fim, documentação e comunicação.

Assim, a definição do problema foi: o que nossos olhos veem no percurso entre nossas casas e a escola? O grupo discutiu e começou a mapear possibilidades de experiências que seriam significativas para crianças desta faixa etária. Foram elencadas algumas propostas de experiências que seriam oferecidas as crianças: 1. Exibição do vídeo: "Caminhando com Tim Tim¹" (Ines Cozzo, 2015); 2. Passeio pelos arredores da escola e desenho sobre o que mais chamou atenção dos alunos durante o passeio; 3. Construção de um gráfico sobre os meios de transportes utilizados pelas crianças ao se deslocarem até a escola; 4. Desenho do que eles mais gostam/chama a atenção deles na volta para casa; 5. Construção coletiva de uma maquete (escola e arredores).

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>



Figura 1 – Apresentação do vídeo “Caminhando com Tim Tim” (Ines Cozzo, 2015)



Fonte: elaborada pelo autor (2024)

Figura 2 – Passeio aos arredores da escola



Fonte: elaborada pelo autor (2024)



Figura 3 – Desenho sobre o passeio



Fonte: elaborada pelo autor (2024)

Figura 4 – Construção do gráfico



Fonte: elaborada pelo autor (2024)



Figura 5 – Desenho sobre o que mais chama atenção na volta para casa



Fonte: elaborada pelo autor (2024)

Figura 6 – Construção da maquete



Fonte: elaborada pelo autor (2024)



Conclusão

Observando o projeto de trabalho desenvolvido pelo grupo de residentes na pré-escola, constata-se que o principal objetivo do projeto – escuta ativa acerca das perspectivas infantis sobre o meio que a cerca e a ressalva ao sentimento de pertencimento ao espaço urbano nas crianças – foi alcançado, pois as mesmas puderam apresentar por meio das atividades propostas suas visões de mundo, suas percepções sobre o bairro da escola e suas vivências nos espaços visitados durante o passeio, e sobretudo, tiveram suas falas acatadas durante o processo de construção do projeto. Além disso, a participação e envolvimento das crianças durante a realização das atividades foi notável, devido à animação das mesmas durante as experiências vivenciadas no projeto; o interesse demonstrado no decorrer das atividades; às perguntas e curiosidades apresentadas; e a concentração dos alunos – até mesmo naqueles que apresentavam algum desafio em relação ao comportamento em sala de aula – durante a confecção da maquete do bairro.

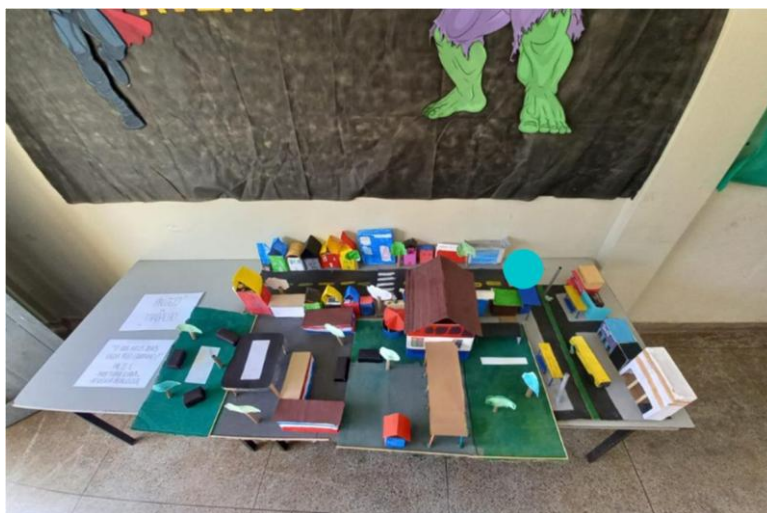
Ademais, essa temática e a forma como a mesma foi trabalhada, foram relevantes para reforçar a concepção de que as crianças são seres sociais, protagonistas de suas vivências e que possuem muito a dizer sobre o meio em que vivem. E, a escola e os educadores precisam se apropriar dessa concepção e valorizá-la, pois de acordo com Lopes (2008, p. 74), a infância “[...] tem sido percebida muito mais pela sua ausência, pela sua incompletude, do que pela sua presença [...]”, ou seja, a sociedade desconsidera o papel de produção cultural e social das crianças, além de suas relações históricas e geográficas, considerando a criança de criar, construir e dialogar. E cabe aos espaços educativos, principalmente à escola pública, proporcionar uma educação de qualidade que valorize as características da infância e adote a criança como protagonista de seu desenvolvimento.

Por fim, é possível apontar alguns desdobramentos para o projeto de trabalho “O que meus olhos veem pelo caminho”, como por exemplo a construção de um projeto, em parceria com o município, que vise transformar o bairro em que as atividades foram desenvolvidas, em um bairro das crianças, ou seja, um espaço urbano que possua a identidade das crianças que por ali vivem e transitam cotidianamente. O que pode ser realizado por meio de pinturas nas calçadas, postes e lombadas (realizadas pelas próprias crianças); confecção de placas que proíbam o descarte de lixo em locais inapropriados (como na praça da igreja, que foi



uma questão levantada pelas crianças durante o passeio); pintura dos bancos e mesas da praça; implementação de uma “geladeiroteca” (geladeira utilizada para o armazenamento de livros, disponibilizada em local público ou na escola, para que as pessoas possam ler); entre outras ações, que apesar de simples, podem fazer toda diferença no bairro e na vivência das crianças durante seus caminhos percorridos. Transformando assim, o espaço urbano em um local acolhedor e que enxerga as crianças como “[...] atores sociais e sujeitos de cultura, não como meros reprodutores da ordem social e cultural adulta” [...]” (Sarmento, 2018, p. 239).

Figura 7 – Maquete concluída



Fonte: elaborada pelo autor (2024)

Referências

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos:** conversar sobre a aprendizagem e a vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2008. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.



BUITONI, Dulcilia Schroeder. **De volta ao quintal mágico a educação na Te-Arte**. São Paulo: Agora, 2006.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria Gab nº 38, de 28 de fevereiro de 2018**. Institui o Programa de Residência Pedagógica. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/28022018-portaria-n-38-institui-rp-pdf>. Acesso em: 7 out 2023.

FARIA, Juliana Batista; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Residência pedagógica: afinal, o que é isso?. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-356, maio 2019. Disponível em
<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223820972019000200333&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 out. 2023. Epub 21-Jan-2020.
<https://doi.org/10.29286/rep.v28i68.8393>.

FREITAS, M. C. de; FREITAS, B. M. de; ALMEIDA, D. M. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1–12, 2020. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4540>. Acesso em: 7 out. 2023.

HERNANDÉZ, Fernando; Ventura, Montserrat. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. In: HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: O conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. cap. 5, p. 61-84.

RINALDI, C.. O Currículo Emergente e o Construtivismo Social. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G.; **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da Primeira Infância. Porto Alegre/RS: ArtMed, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância e cidade**: restrições e possibilidades. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago, 2018.